La Comédiathèque



Erro da funerária a teu favor

Jean-Pierre Martinez





comediatheque.net

Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente. Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização:
https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/

Erro da funerária a teu favor

Jean-Pierre Martinez

Adão organizou uma pequena receção para prestar homenagem
às cinzas do avô, recentemente falecido.
Mas, devido a um erro da funerária,
é o seu próprio nome que aparece na participação de falecimento...

11 personagens
Adão: neto do falecido
Eva: sua mulher
Vitória: sua sogra
Yolanda: sua avó
João (ou Joana): senhorio ou senhoria
Gabriel (ou Gabriela): galerista de Adão
António: um amigo
Glória: uma amiga
Carlos ou Carlota: figura de género ambíguo (homem ou mulher)
Manuel (ou Manuela): funcionário ou funcionária da funerária
Padre Francisco: um sacerdote

Os papéis do senhorio, do galerista, do funcionário da funerária e de Carlos/Carlota
podem ser desempenhados indiferentemente por homens ou mulheres.
Um mesmo intérprete pode representar vários destes papéis.
A distribuição é, portanto, muito flexível. A título indicativo:
11 intérpretes: 3H/8M, 4H/7M, 5H/6M, 6H/5M, 7H/4M
10 intérpretes: 3H/7M, 4H/6M, 5H/5M, 6H/4M
9 intérpretes: 3H/6M, 4H/5M, 5H/4M

© La Comédiathèque

A sala de um loft de artista, com um certo ar boémio. Alguns quadros abstratos estão encostados às paredes. Adão entra com copos e pousa-os numa mesa onde foi preparado um pequeno bufete. Entra Eva, vestida de forma bastante sóbria.

Eva *(referindo-se ao vestido)* – Achas que assim estou bem?

Adão – Claro que sim.

Eva – Estava a pensar se não seria um pouco...

Adão – Não, é discreto... Dá para qualquer ocasião.

Eva – Foi o vestido que levei ao casamento do meu irmão.

Adão – Também há de servir para a cremação do meu avô. Achas que os amendoins chegam?

Eva – De qualquer modo, não temos dinheiro para servir aperitivos acabados de sair do forno.

Adão – Hoje era melhor evitarmos a palavra «forno»...

Eva – Tens razão. Já agora, onde é que o vamos pôr?

Adão – Naquela mesinha? Que te parece? Basta tirar o vaso.

Eva – Sim, porque não? *(Eva tira o vaso e coloca-o noutro sítio.)* Há pouco, cruzei-me com o senhorio nas escadas.

Adão – Espero que não o tenhas convidado.

Eva – Prometi-lhe que amanhã de manhã pagávamos as rendas em atraso, sem falta.

Adão – Amanhã?

Eva – Tinha de lhe dizer alguma coisa para ganhar tempo.

Adão – Fizeste bem. Ao menos assim deixa-nos em paz hoje.

Eva – Pois... Porque já começou a falar em despejo. Acho que até mencionou um agente de execução, uma ou duas vezes...

Adão – Amanhã é outro dia.

Eva – Pode ser que finalmente consigas vender um quadro...

Adão – Hoje? Isto é uma cremação, não é a inauguração de uma exposição.

Eva – Se calhar tens razão quanto aos amendoins...

Adão – Pensando bem, talvez nem sequer venha ninguém.

Eva – E ainda por cima há as restrições de circulação...

Adão – Ah, pois é, tinha-me esquecido... Com sorte, todos têm uma matrícula acabada em número par. Assim já têm uma boa desculpa para ficar em casa...

Eva – Podiam ter avisado com antecedência...

Adão – De certeza que telefonam a dar os pêsames.

Eva – Estou a falar das restrições de circulação! Podiam ter avisado mais cedo, para nos organizarmos.

Adão – Pois, mas numa cremação não podemos propriamente escolher a data...

Eva – De qualquer forma, é para proteger os mais vulneráveis... As crianças, os idosos...

Adão – Quem sabe? Se calhar foi a poluição que acabou com o avô...

Eva – Quantos anos tinha ele?

Adão – Cento e dois.

Eva – Ah, pois é...

Adão – Com essa idade, qualquer alteração na qualidade do ar pode ser fatal.

Eva – Pois claro...

Adão – Só espero que a matrícula do carro funerário tenha o número certo.

Eva – O número certo?

Adão – Um número ímpar!

Eva – Ah, pois...

Adão – Já para não falar da cremação.

Eva – O quê?

Adão – Se calhar também decidiram cremar os mortos em dias alternados... Para distribuir as emissões poluentes...

Eva – Não devias brincar com isso. Afinal, era o teu avô.

Adão – Também não vou fingir que estou a chorar. Nunca tivemos uma relação muito afetuosa enquanto ele era vivo.

Eva – Quem sabe? Talvez agora tenhas uma relação mais calorosa com as cinzas dele.

Adão – Vá, não nos vamos deixar abater. Bebamos qualquer coisa, para animar antes de chegarem os convidados.

Eva – Se chegarem...

Adão serve dois copos de vinho tinto e dá um a Eva.

Adão – Acho que, depois dos cem anos, os funerais deviam ser facultativos. Corre-se o risco de não aparecer ninguém. Como vês...

Eva – É preciso fazer o luto.

Adão – Também se pode fazer o luto pelas pessoas enquanto estão vivas.

Eva – É verdade. E até é menos triste.

Adão – Convenhamos que cento e dois anos é uma idade perfeitamente razoável para se decidir morrer...

Eva – Coitado de quem comprou a casa dele em troca de uma renda vitalícia...

Adão – Já não precisas de ter pena. Morreu há dez anos. O filho também. Era o neto que continuava a pagar a renda ao meu avô.

Eva – Que saúde! Espero que ao menos tenhas herdado isso dele. Saúde!

Brindam.

Adão – Saúde!

Bebem um gole.

Eva – Um pouco novo, não?

Adão – É um vinho novo. Quer dizer, era...

Eva – Era?

Adão – É o que sobrou do ano passado. Ou do anterior, já não me lembro.

Eva – Ah, então é por isso que sabe um bocadinho a vinagre.

Adão – O vinho novo não é para guardar.

Bebem durante uns instantes, em silêncio.

Eva – Cento e dois anos... Já viste? Mais de um século...

Adão – O avô sempre soube escapar a tudo. Sobreviveu a duas guerras mundiais e até recebeu uma condecoração militar...

Eva – Era um herói de guerra?

Adão – Foi mais um resistente de última hora.

Eva – Um colaboracionista?

Adão – Digamos que sabia adaptar-se às circunstâncias. Admirava o regime, mas também sabia mudar de lado no momento certo. A suástica numa lapela, a insígnia da Resistência na outra...

Eva – E o que fazia exatamente?

Adão – Negócios... Nunca soubemos bem quais. Nunca tive coragem de perguntar ao meu pai. E, como ele morreu antes do avô...

Eva – Se ao menos te tivesse deixado uma pequena herança, podíamos pagar as rendas e as contas em atraso...

Adão – Até aos anos oitenta, geriu muito bem o dinheiro que tinha ganho honestamente no mercado negro durante a guerra. Infelizmente, pouco antes de se

reformar, investiu toda a fortuna numa empresa de transportes internacionais que acabou por falir.

Eva – Talvez quisesse garantir uma saída rápida para a próxima guerra...

Adão – Tive de renunciar à herança, para não ficar com as dívidas do lar. Sabes que esses sítios são mais caros do que umas férias de luxo? Hoje em dia, para chegar aos cem anos, é preciso ter dinheiro... *(Tocam à campainha.)* Devem ser eles.

Eva – Achas?

Adão – A não ser que seja o estafeta das pizzas. Pedi uma Quatro Estações e uma Margherita há mais de uma hora. O estafeta deve ter a matrícula errada na mota...

Eva – Vejo que isso não te tira o apetite...

Adão – Também não nos vamos deixar morrer à fome!

Eva – Vou abrir... *(Sai para abrir a porta e continua a falar fora de cena.)* Sim, sim, é aqui. Entre, por favor...

Adão – Então, foi o forno das pizzas que se avariou?

Entra Manuel, empregado da funerária, seguido por Eva. Veste um uniforme e traz nas mãos uma urna funerária, com uma expressão compungida. A urna parece um vaso chinês.

Manuel – Bom dia, senhor.

Adão – Ah, desculpe, pensei que fosse... Não, realmente não tem ar de estafeta de pizzas... E eu também não encomendei comida chinesa...

Manuel – Senhor Delaroca, permita-me que, em nome da funerária, lhe apresente as nossas mais sentidas condolências...

Adão – Muito obrigado. Fico-lhe muito reconhecido.

Manuel – Onde quer que coloque as cinzas do falecido?

Adão – Ah, pois... *(Hesita.)* Não em cima do bufete, claro...

Eva – Nem no chão. Ainda pensam que é um suporte para guarda-chuvas...

Adão *(apontando para a mesinha)* – Ponha ali, se faz favor.

Manuel pousa a urna na mesinha com grande cerimónia e inclina ligeiramente a cabeça em homenagem ao defunto.

Eva – Obrigada...

Manuel – Ficamos à sua inteira disposição para o que for preciso a seguir.

Adão – Não fale em desgraças! Espero que não haja outra morte na família tão cedo.

Eva – Não nos vai propor um cartão de cliente frequente, pois não?

Manuel – Referia-me ao que tencionam fazer com as cinzas do vosso familiar...

Eva – Claro.

Adão – Ainda não decidimos, mas...

Manuel – Podem espalhar as cinzas num jardim memorial, mas também temos outras opções.

Adão – Obrigado. Vamos pensar nisso...

Manuel – Com certeza. Já não há pressa... *(Tira um envelope do bolso e entrega-o a Adão.)* Aqui estão as participações de falecimento que sobraram. As outras foram enviadas para as moradas que nos indicaram.

Adão – Obrigado. Duvido que possam voltar a servir, mas nunca se sabe.

Eva – Se fossem convites de casamento, ainda vá. Às vezes casa-se várias vezes com a mesma pessoa.

Manuel – Infelizmente, só se morre uma vez, tem razão... *(Tira um documento do bolso do casaco.)* Vou precisar de uma pequena assinatura...

Adão – Com certeza.

Adão tira a caneta do bolso e assina. Manuel recolhe o documento e, sem dar por isso, leva também a caneta.

Manuel – Muito obrigado. E, mais uma vez, os nossos sentimentos...

Eva – Eu acompanho-o à porta... *(Sai com Manuel e continua a falar fora de cena.)* Mais uma vez, obrigada... *(Regressa e encontra Adão a olhar perplexo para a urna.)* É estranho ter uma coisa destas no meio da sala...

Adão – Pois é.

Eva – É bastante original para uma urna.

Adão – É, sim...

Eva – É japonesa ou chinesa?

Adão – Não sei bem.

Eva – O teu avô tinha uma paixão especial pela Ásia?

Adão – Que eu saiba, não. Mas este modelo estava em promoção. Deve ter tido pouco sucesso...

Eva – Ou talvez algum cliente asiático tenha desistido à última hora...

Ficam por momentos em silêncio diante da urna.

Adão – O homem ficou-me com a caneta!

Eva – O teu avô?

Adão – O da funerária! A caneta que a tua mãe me ofereceu no meu aniversário! Já viste?

Eva – Mas tu detestavas aquela caneta! Dizias que parecia um presente de primeira comunhão.

Adão – Mesmo assim! Uma caneta de aparo banhado a ouro. Como se o funeral já não nos custasse uma fortuna! As funerárias são um autêntico roubo.

Eva – Sabem que não temos alternativa, claro...

Adão – Devíamos poder tratar disto nós próprios, em família...

Eva – Nós próprios?

Adão – Como é que faziam os homens pré-históricos?

Eva – Não sei... Convidavam os amigos e faziam um churrasco?

Tocam novamente à campainha, mas os dois continuam a olhar para a urna.

Adão – Espero que ainda estejam quentes... *(Eva olha para ele, perplexa.)* Refiro-me às pizzas. Desta vez deve ser o estafeta.

Eva – Então vai abrir!

Adão sai.

Adão *(fora de cena)* – Ah, obrigado... Não, não há problema. *(Regressa.)* Afinal, estava a ser injusto: devolveu-me a caneta... *(Voltam a olhar para a urna.)* Já estou cheio de fome...

Eva – Eu já estou um bocado tocada... Este vinho bate forte!

Adão – Pois, até parece que ganhou umas bolhas...

Eva – Devia comer qualquer coisa. Imagina que os convidados chegam e me encontram completamente bêbeda. Isto é uma cremação, não uma festa de inauguração da casa.

Adão – Achas que fizemos bem em mandar cremar o meu avô?

Eva – Porque não?

Adão – Não é muito católico.

Eva – É mais barato... *(Pausa.)* Porque é que dizes que não é muito católico?

Adão – A ressurreição dos corpos e isso tudo... Com cinzas deve ser muito mais complicado...

Eva – O teu avô era muito religioso?

Adão – Não sei. Mas o único amigo que lhe conhecia era padre...

Eva – A sério? Se calhar devias ter organizado uma missa...

Adão – Quanto custa uma missa?

Eva – Achas que o padre vem?

Adão – Não sei. Mandei-lhe uma participação, mas se calhar já morreu...

Eva – Se vier, pode ser um problema...

Adão – Achas?

Eva pega numa participação de falecimento.

Eva *(lendo)* – «O funeral realizar-se-á na mais estrita intimidade, mas poderão prestar-lhe uma última homenagem em nossa casa, durante um pequeno convívio...»

Adão – Um pequeno convívio?

Eva – Foste tu que escreveste essa parte...

Adão – Parece mais um convite para um churrasco.

Eva – Até agora, não apareceu ninguém.

Adão – Passou vinte anos num lar de idosos. Toda a gente já se tinha esquecido dele. Até eu.

Eva – Ainda devia ter alguns conhecidos...

Adão – Cento e dois anos! Os que o conheciam devem ter morrido todos antes dele.

Eva – Não tinha mais família, além de ti?

Adão – Não, por isso tive de tratar do funeral sozinho.

Eva – Mas a mulher dele ainda está viva. A tua avó não podia tratar disso? Disseste que era mais nova do que ele...

Adão – Ser mais novo do que um centenário não é muito difícil... Está num lar de idosos junto ao mar. Enviei-lhe uma participação, mas não tive notícias. Acho que começa a perder um pouco a memória...

Eva – Se calhar já nem se lembrava de que ainda tinha marido.

Adão – É possível...

Eva – Caso contrário, porque haveria de escolher um lar a centenas de quilómetros do lar do teu avô?

Adão – A partir de certa idade, uma pessoa tem o direito de preferir o mar ao marido...

Eva – Bem, então o que fazemos?

Adão – Acho que vamos comer os amendoins os dois... Queres mais um copo deste vinho novo do ano passado?

Eva – Vá, temos de o acabar. Não me parece boa ideia guardá-lo mais um ano...

Adão – Vamos embebedar-nos para esquecer que um dia também acabamos dentro de um vaso chinês...

Brindam.

Eva – Mas não podemos ficar com isto aqui para sempre, pois não?

Adão – Com o vaso talvez... Mas com o que está lá dentro...

Eva – O que vamos fazer às cinzas?

Adão – O jardim memorial... Cheira-me a negócio, não achas?

Eva – Aposto que é preciso pagar um suplemento...

Adão – Podíamos espalhá-las de uma ponte para o rio. Não custa nada e até podia ser bonito... Se o vento não soprasse na nossa direção.

Eva – Isso é permitido?

Adão – Seria o último ato de resistência dele... Póstumo, claro.

O telefone toca. Eva atende.

Eva – Estou? Ah, bom dia... Obrigada, é muito amável da sua parte... Sim, sei, foi tudo tão de repente... Não, não há problema... É só uma pequena reunião para... Não vamos fazer muito barulho, prometo...

Tocam à campainha.

Adão – Vou eu...

Adão sai.

Eva – Sabe, com a idade que tinha, não creio que se morra de alguma coisa em particular... Quer que lhe passe...? Muito bem. Obrigada por ter telefonado...

Eva desliga. Adão volta com duas caixas de pizzas.

Adão – Desta vez eram as pizzas. Quem era ao telefone?

Eva – O senhorio. Ligou por causa da morte do teu avô. Curiosamente, parecia muito comovido...

Adão – Se calhar acha que vamos receber uma herança e pagar-lhe as rendas em atraso... Não admira que esteja emocionado. Mas como soube?

Eva – Acrescentei-o à lista das participações de falecimento. Pensei que podia amolecê-lo por uns dias. E parece que resultou: nem falou da renda...

Adão – Mas quando te cruzaste com ele há pouco, falou-te da morte do meu avô?

Eva – Não, deve ter recebido a participação entretanto.

Tocam outra vez à campainha.

Adão – Nunca mais conseguimos comer estas pizzas. Vou deixá-las na cozinha.

Eva – Vou abrir...

Adão – Aquecemo-las no forno mais tarde...

Adão sai. Eva vai abrir a porta.

Eva *(fora de cena)* – Ah, dona Margarida... Como está? Eu estou bem, obrigada. Mas entre um bocadinho... Não? Está bem... É muito gentil, mas não era preciso... Não, espere, não é bem...

Eva regressa com um vaso de crisântemos. Adão também volta.

Adão – Quem era?

Eva – A vizinha. Não quis entrar. Acho que também começa a perder a cabeça... Pensava que tinhas morrido. Diz que foi o senhorio que lhe contou...

Adão – Ah, sim? Devia ter ido eu abrir a porta, só para ver a reação dela.

Eva olha para a participação de falecimento.

Eva – Olha, Adão, de repente veio-me uma dúvida horrível...

Adão – O quê?

Eva – Viste isto?

Adão – O quê?

Ela entrega-lhe a participação de falecimento.

Eva – Olha...

Adão dá uma vista de olhos ao papel.

Adão – Então?

Eva – Não vês nada de estranho?

Adão *(lendo)* – «... participam, com profundo pesar, o falecimento do senhor...» Merda.

Eva – Senhor Adão Delaroca!

Adão – Não pode ser...

Eva – Trocaram o teu nome pelo do teu avô?

Adão – Na verdade, tenho o mesmo nome que o meu avô... Foi por isso que acrescentei «aos 102 anos», para não haver confusões.

Eva – Bela maneira de evitar confusões...

Adão – Mas em vez de 102 escreveram 32! «Aos 32 anos»!

Eva – Assim, claro, já é bastante mais ambíguo...

O telefone volta a tocar.

Adão – É melhor seres tu a atender, por enquanto...

Eva atende.

Eva – Estou... Sim... Não, quer dizer... Obrigada... Não, não faz mal... Sim, sim, estamos à sua espera... *(Desliga.)* Não sei se a participação era ambígua, mas parece que toda a gente decidiu que o morto eras tu...

Adão – Então porque é que não lhe disseste?

Eva – Era a tua avó! Como é que eu lhe podia dizer assim, ao telefone, que foi o marido dela que morreu?

Adão – Preferes deixá-la pensar que o neto é que morreu?

Eva – Parece que já se conformou com a ideia...

Adão – Mais cedo ou mais tarde vamos ter de lhe contar.

Eva – Disse que vinha cá. Podes ser tu a explicar-lhe.

Trocam um olhar aterrorizado.

Adão – Agora é que estamos mesmo metidos num belo sarilho...

Eva – E o que fazemos?

Adão – Sei lá. Afinal de contas, a viúva és tu...

Eva – Podíamos começar por telefonar ao homem da funerária e pedir explicações.

Adão – Toda a gente pensa que morri! Não será melhor começarmos por explicar aos convidados?

Eva – Tens razão. Meu Deus! Felizmente ainda não chegou ninguém...

Adão – Imagina! Convidamos as pessoas para uma receção depois da cremação e é o defunto que serve os aperitivos.

Eva – Havemos de encontrar uma solução. Na pior das hipóteses, cancelamos tudo e mandamos uma retificação das participações.

Adão – Está bem, vou telefonar ao homem da funerária.

Eva – Também tem alguma responsabilidade nisto, não tem?

Adão – Podemos começar por nos recusarmos a pagar-lhe a conta. Sempre poupamos qualquer coisa.

Eva – Seja como for, nem sequer tínhamos dinheiro para a pagar... *(Adão sai. Tocam à campainha. Eva vai abrir e continua a falar fora de cena.)* Ah, senhora Delaroca... Sim, entre, por favor... Mas antes tenho de a avisar de que...

Eva regressa com Yolanda, a avó de Adão, que traz uma mala.

Yolanda – Trata-me por Yolanda, minha querida. Pobrezinha... Então és a viúva do Adão, não és?

Eva – Sim. Esteve no nosso casamento, lembra-se?

Yolanda – Não...

Eva – Quero dizer, sou mulher do Adão. Mas viúva...

Yolanda – Tenho tanta pena do pobre Adão. Sempre teve uma saúde frágil. É a única criança que conheço que conseguiu apanhar papeira duas vezes seguidas.

Eva – Ah, pois...

Yolanda – Acho que apanhou todas as doenças possíveis. Quando era pequeno, chamávamos-lhe «caldo de cultura». E não era por causa das notas da escola, acredite...

Eva – Não?

Eva escuta distraidamente Yolanda, enquanto Adão espreita pela porta. Eva faz-lhe sinal para não aparecer.

Yolanda – E depois a vida que levava quando era solteiro... E até depois de casar! Até admira que não tenha morrido de uma doença vergonhosa, percebe o que quero dizer?

Eva passa a escutar Yolanda com mais atenção.

Eva – Bem... Não, não muito...

Yolanda – Vim assim que soube. Apanhei o primeiro comboio e cá estou. Ainda venho a tempo, não venho? Quero dizer, para o funeral do teu marido...

Eva – Sim, sim... Quer dizer...

Yolanda – Compreendo que estejas transtornada. Eu também adorava o meu neto. Não devia dizer-te isto, mas era o meu preferido.

Eva – Tinha outros netos?

Yolanda – Não que me lembre.

Eva – Há uma coisa que tenho de lhe dizer, senhora Delaroca...

Yolanda – Yolanda. Trata-me por Yolanda, por favor. O meu marido não está cá?

Eva – Bem... Está, quer dizer... Não exatamente...

Yolanda – Tens de o desculpar. Com aquela idade, não sei se conseguirá deslocar-se.

Eva – Pois claro...

Yolanda – O meu marido já passou dos cem anos. E, apesar de quase não nos vermos, também me chocaria saber que tinha morrido assim, de repente.

Eva – Compreendo... Os meus sentimentos... Quer dizer, pela morte do Adão... Enfim, do...

Yolanda – Vou passar pelo lar para lhe dizer olá. Já nem sei se ainda me reconhece. Começa a perder a memória, sabe? Já agora, de que morreu?

Eva – Quem?

Yolanda – Minha querida, com tudo isto, parece-me que és tu que começas a perder a cabeça. O Adão, claro! O meu neto, o teu marido! O que lhe aconteceu?

Eva – Ah, sim, pois...

Yolanda – Desculpa, não queria ser indiscreta. Ainda é tudo tão recente... Contas-me depois, se preferires. Não se enforcou, pois não?

Eva – Não, ainda não...

Yolanda – Na nossa família há uma certa tradição de enforcamentos...

Eva – A sério?

Yolanda – Sobretudo entre os homens. Não sei porquê, mas enforcar-se não parece muito feminino... *(Adão volta a espreitar. Eva faz-lhe sinal para se aproximar, mas ele mantém-se escondido. Yolanda repara na urna.)* Então mandaste cremá-lo?

Eva – Sim, era... Acho que era isso que ele queria. Espero que não se importe...

Yolanda – Pelo menos assim tens a certeza de que nenhum micróbio lhe sobrevive...

Eva – Pois...

Yolanda – É chinesa ou japonesa?

Eva – Não sabemos bem. Mas é asiática...

Yolanda – Ah, pois...

Eva – Quer beber alguma coisa? Temos sumo de laranja... ou vinho novo.

Yolanda – Não quero incomodar. Ainda não chegou ninguém... Desculpa, devo ter vindo cedo demais.

Eva – Não, não, chegou mesmo a horas... Só que... Até estávamos a pensar cancelar... Quer dizer...

Yolanda – Não te preocupes. Também não gosto muito de cerimónias, mas há que assinalar a ocasião. Era o teu marido, afinal... Vou visitar o padre Francisco e volto daqui a pouco, está bem?

Eva – Eu acompanho-a...

Yolanda – É um velho amigo da família, que conheci há muitos anos. Ah, quase me esquecia: pedi-lhe que viesse benzer as cinzas do meu neto...

Eva – O padre Francisco?

Yolanda – Era muito amigo do meu marido. Foi ele quem nos casou, durante a guerra. E tivemos como testemunha o próprio chefe do regime.

Eva – Ah, pois...

Yolanda volta-se para a urna e benze-se.

Yolanda – Em uniforme, era um homem com muito porte, acredite... Espero que não se importe que o padre Francisco celebre uma missa pelo descanso da alma dele...

Eva – Da alma do chefe do regime?

Yolanda – Da alma do meu neto!

Eva – Ah, claro! Se servir para alguma coisa...

Yolanda – Além disso, sempre posso voltar a ver esse santo homem. Na nossa idade, infelizmente, só se encontram os amigos nos funerais...

Eva – Pois...

Yolanda – Quase chegamos a desejar que morra alguém, só para termos ocasião de rever os que ainda cá andam.

Eva – É verdade... *(Yolanda sai com Eva, que continua a falar fora de cena.)* Até logo, Yolanda!

Adão regressa. Eva reaparece.

Adão – Porque é que não lhe disseste que eu não estava morto?

Eva – Não me deixou dizer uma palavra! E eu não sabia como lhe contar que o marido dela é que morreu!

Adão – Bolas...

Eva – E tu, porque é que não saíste do esconderijo?

Adão – Tive medo de que lhe desse um ataque cardíaco ao ver-me!

Eva – Temos de encontrar maneira de acabar com esta situação absurda...

Adão – Bem, estar morto também tem vantagens. Ouviste? Sou o neto preferido dela.

Eva – Não tem mais nenhum!

Adão – Seja como for, sabe bem descobrir que a minha avó gosta de mim.

Eva – Também disse que eras um degenerado, cheio de doenças sexualmente transmissíveis.

Adão – Sabes que ela começa a perder a memória. E, além disso, isso era antes de te conhecer.

Eva – Não foi exatamente o que ela disse...

Tocam à campainha.

Adão – Mais pêsames, de certeza...

Eva – Tens razão. Fica escondido enquanto eu preparo o terreno para a tua ressurreição.

Adão – Sinto-me um morto-vivo que a mulher tem de esconder no armário quando chegam visitas.

Adão sai. Eva abre a porta.

Eva *(fora de cena)* – Ah, era de si que estávamos à espera! Temos umas perguntas a fazer-lhe... *(Regressa com Manuel.)* Drácula, já podes sair do caixão. É o homem da funerária!

Adão volta.

Manuel – Bom dia, senhor Delaroca. Mais uma vez, em nome da funerária, os nossos sentimentos. Como ainda estava pelo bairro, a tratar de outro cliente, achei melhor voltar cá pessoalmente.

Adão – Então recebeu a minha mensagem?

Manuel – Recebi, mas confesso que não percebi muito bem qual é o problema. Em que posso ajudá-lo, senhor Delaroca?

Adão mostra-lhe a participação de falecimento.

Adão – Em que pode ajudar-me? Veja! É este o meu problema!

Manuel *(olhando para a participação)* – Não estou a ver muito bem...

Adão – Sou eu, Adão Delaroca!

Manuel – O senhor é o Adão Delaroca?

Adão – Segundo a participação que enviaram, sou eu o falecido!

Manuel – Estou a perceber... *(Volta a olhar para a participação.)* E está a dizer-me que não morreu?

Adão está prestes a perder a paciência.

Adão *(para Eva)* – Explica tu, antes que haja aqui um segundo cadáver...

Eva – É evidente que o meu marido está vivo!

Manuel volta-se para a urna.

Manuel – Então quem está dentro desta urna?

Eva – É o Adão Delaroca. O avô dele!

Manuel – Ah, já percebi... Um pequeno caso de homonímia.

Adão – Pequeno caso? Toda a gente pensa que eu morri!

Manuel – É realmente lamentável. Deviam ter indicado que se tratava do seu avô...

Adão – Mas indicámos! Acrescentei «aos 102 anos»!

Eva – E aqui está escrito «aos 32 anos»!

Manuel – Deve ter sido uma pequena gralha. Contratámos recentemente uma nova secretária.

Adão – Pequena gralha? Eu chamo-lhe uma grave falta profissional!

Eva – Então, o que propõe?

Manuel – Confesso que me apanha de surpresa...

Adão – E nós, acha que não fomos apanhados de surpresa? Estamos à espera de várias pessoas para esta comovente despedida, e só há um pequenino erro na identidade do falecido!

Eva – No mínimo, esperávamos um gesto comercial...

Manuel tira o telemóvel do bolso.

Manuel – Um momento... Tenho aqui o e-mail que nos enviaram... Veja... *(Adão olha.)* Está escrito «aos 32 anos»...

Adão *(para Eva)* – Foste tu que trataste disso, não foi?

Eva – Agora a culpa é minha? E porque é que não trataste tu? Por acaso peço-te para cremares a minha mãe?

Adão – A tua mãe ainda está viva! Infelizmente...

Eva – Vou matar-te...

Manuel afasta-se discretamente.

Manuel – Vou deixá-los resolver esta pequena questão familiar. Não se preocupem, conheço o caminho.

Manuel sai.

Adão – Anunciar a morte do próprio marido... Que belo ato falhado!

Eva – Já chega! Toda a gente se pode enganar, não pode?

Adão – Mesmo assim, de 102 para 32...

Eva – Basta! Devias ter tratado disso tu. Era o teu avô, não era o meu!

Adão – Tinha mais que fazer.

Eva – Ah, pois! O senhor trabalha, o senhor é artista... Eu só sirvo para escrever participações de falecimento.

Adão – Bem, nem para isso... *(Ao ver o olhar fulminante de Eva, arrepende-se logo.)* Desculpa, eu...

Furiosa, Eva procura qualquer coisa para lhe atirar. Acaba por pegar na urna chinesa e levantá-la, pronta a parti-la no chão.

Eva – Queres ver o que faço ao teu avô colaboracionista?

Adão – Não, por favor! O avô, não!

Eva – O meu avô esteve na Resistência!

Adão – Disseste-me que só aderiu quando a guerra já estava praticamente no fim...

Eva – Como te atreves a insultar a memória do meu avô?

Adão – Só estou a dizer que também não foi propriamente um resistente desde o primeiro dia...

Eva – Não sei o que me impede de...

A campainha interrompe o gesto de Eva. Adão aproveita para lhe tirar a urna das mãos.

Adão – Importas-te que recupere o avô?

Adão volta a pousar a urna na mesinha.

Eva – Desculpa, não sei o que me deu...

Adão – Estamos um pouco nervosos, é natural. *(Tocam novamente à campainha.)* É melhor ires abrir.

Eva – Já vou... *(Adão sai. Eva vai abrir a porta e continua a falar fora de cena.)* Ah, olá, mãe...

Vitória *(fora de cena)* – Minha pobre filha! Imagino como deves estar a sentir-te... *(Eva regressa com a mãe, Vitória.)* Vim assim que soube, claro.

Eva – Obrigada, mas não era preciso. Aliás...

Vitória – Desculpa, não tive tempo de comprar flores...

Eva – Não faz mal, sabes... A verdade é que mal o conhecia...

Vitória – Ainda bem que estás a encarar a coisa assim. Mas saber pela participação de falecimento que o meu genro morreu... Podias ter-me telefonado!

Eva – Não, mãe, eu tenho de te explicar...

Vitória – É triste, mas sempre te disse que ele não era o homem certo para ti.

Eva – Porque dizes isso?

Vitória – Os artistas são muito interessantes, mas se não fosses tu a encher o frigorífico com o salário de esteticista...

Eva – Nem tudo na vida é dinheiro.

Vitória – Talvez não, mas ajuda a pagar a renda. Agora que ele morreu, se quiseres que te adiante uma parte da tua herança...

Eva – Da minha herança?

Vitória – Sim. Porque ele, imagino, não te deixou grande coisa. Só dívidas e bolor, ou pior. *(Aponta para os quadros.)* E nem falo dessas monstruosidades todas. Nunca conseguiu vender um único quadro em vida.

Eva – Mas disseste-me que estavas sem dinheiro! Que não podias emprestar-nos um cêntimo!

Vitória – Sim, mas isso era antes...

Eva – Ah, percebo... Então, se te pedisse agora um cheque...

Vitória – Sou tua mãe, afinal de contas. E agora que és viúva...

Eva – Viúva... Ainda me custa habituar a essa palavra.

Vitória – Como se costuma dizer, «morto o cão, acabou a raiva».

Eva – Tens a certeza de que é o que se diz nestas ocasiões?

Vitória – Bem, agora podes voltar a casar...

Eva – Voltar a casar? Mas isso é monstruoso!

Vitória – Desculpa. Ainda é um bocadinho cedo, é verdade... Mas, na tua idade, também não convém perder muito tempo.

Eva – Obrigada, mãe... Realmente sabes animar-me...

Vitória repara na urna.

Vitória – O que é aquilo? Uma das últimas obras dele?

Eva – Pode dizer-se que sim... *(Tocam à campainha.)* Quem será agora?

Vitória – Convidaste pessoas, não foi? É natural que venham prestar uma última homenagem ao teu marido. Quanto mais depressa o fizerem, mais depressa poderás seguir em frente...

Eva sai.

Eva *(fora de cena)* – Ah, Gabriel... Desculpa, o meu marido não está...

Gabriel *(fora de cena)* – Eu sei, recebi a participação. Mas devias ter-me telefonado...

Eva regressa com Gabriel.

Eva – Sim, bem... Na verdade, houve um pequeno mal-entendido...

Vitória – Boa tarde, senhor...

Eva – Gabriel, apresento-te a minha mãe. Mãe, este é o Gabriel, o galerista do Adão.

Vitória – Muito prazer...

Gabriel – Boa tarde, minha senhora. Os meus sentimentos. O seu genro tinha um talento imenso. Infelizmente, deixou-nos antes de ser reconhecido pelo público, como acontece tantas vezes com os génios da vanguarda...

Vitória – Então acha mesmo que essas borradelas todas podem valer algum dinheiro?

Gabriel – É triste dizê-lo, mas um pintor morto vende sempre muito melhor...

Vitória – Ah, sim? E porquê?

Gabriel – Entre outras coisas, porque de um pintor morto temos a certeza de que nunca mais pintará quadros.

Vitória – No caso do meu genro, talvez até seja melhor assim... *(Ri-se com estrondo. Os outros olham-na, consternados.)* Estava a brincar...

Eva – Queres um sumo de laranja?

Vitória – Sim, obrigada.

Eva – Estava a perguntar ao Gabriel...

Gabriel – Obrigado, não quero incomodar. Deixo-vos fazer o luto em família.

Vitória – Mas não está nada a incomodar, pois não, Eva? Então é negociante de quadros?

Gabriel – Tenho uma galeria de arte, sim.

Vitória – É que comprei um quadro há muitos anos numa feira de velharias e gostava de saber quanto vale... Às vezes compramos tesouros sem dar por isso. Ainda há dias vi uma história dessas na televisão...

Eva – Mãe, podes deixar-nos sozinhos um instante?

Vitória – Não vou longe. Vou comprar um raminho de flores para assinalar a ocasião. *(Ao ver o olhar furioso da filha.)* Se precisares de mim, é só chamar.

Eva acompanha a mãe à porta. Gabriel aproveita para observar os quadros encostados às paredes. Eva regressa.

Eva – Desculpa...

Gabriel – Ainda não tinha visto os últimos quadros dele. São notáveis. *(Repara na urna.)* E, pelos vistos, também se dedicava à cerâmica. É chinesa ou japonesa?

Eva – É uma urna funerária.

Gabriel – Ah... Claro... Somos realmente tão pouca coisa, não é?

Eva – Queres uns amendoins?

Gabriel – Olha, não te quero pressionar, mas pensei em organizar uma retrospetiva da obra dele.

Eva – Ainda ontem recusavas organizar uma simples exposição! Dizias que ele não estava preparado...

Gabriel – Agora acho que está.

Eva – Porque morreu?

Gabriel – Podíamos aproveitar a emoção provocada pelo desaparecimento dele para levar o público a redescobrir a sua obra... Ou melhor, a descobri-la pela primeira vez.

Adão prepara-se para sair do esconderijo, mas, ao ouvir estas últimas palavras, recua.

Eva – Bem, vou falar com... Quer dizer... Vou pensar nisso...

Gabriel – Está bem. Mas não demores muito a decidir. Telefona-me...

Eva – Claro que sim...

Gabriel tira um cheque do bolso e entrega-o a Eva.

Gabriel – Toma, é um adiantamento, caso aceites. Basta devolveres-me o cheque se mudares de ideias...

Eva – Obrigada...

Gabriel – Não te preocupes, conheço o caminho...

Gabriel sai. Adão regressa.

Adão – Eu sabia que a tua mãe gostava de mim, mas não imaginava que fosse tanto...

Eva – O melhor da tua morte é que agora ela está disposta a dar-me um cheque para pagarmos as dívidas.

Adão – E o Gabriel já te deu um!

Eva – É incrível. Agora que estás morto, toda a gente quer dar-me dinheiro.

Adão – Posso ver? *(Pega no cheque.)* Não pode ser...

Eva – E disse que era só um adiantamento...

Adão – E se esperássemos um pouco antes de desmentir tudo?

Eva – Estás a brincar?

Adão – O meu galerista está disposto a organizar uma retrospetiva de toda a minha obra!

Eva – Sim, mas... Póstuma, não te esqueças.

Adão – O Gabriel tem razão: um pintor morto vende muito melhor do que um vivo. A minha morte é a oportunidade da minha vida!

Eva – Espera, podes repetir? Há qualquer coisa de estranho nessa frase...

Adão – Esta exposição pode ser o começo da minha carreira!

Eva – Da tua carreira? Mas vais ser um pintor morto!

Adão – Sempre é melhor do que ser um pintor desconhecido...

Eva – E depois da exposição? Que vais fazer? Desaparecer? Suicidar-te? Ressuscitar?

Adão – Não sei... Improvisamos...

Eva – Está bem... *(Aponta para a urna.)* E o que fazemos com ele?

Adão – Ah, pois, já me tinha esquecido...

Eva – É que o teu avô morreu mesmo.

Adão – Mas, afinal, quem se importa com o meu avô?

Eva – A mulher dele, talvez...

Adão – Teremos de lidar com a avó. Mas ela também não parece ter grande pressa em ficar viúva. Se souber da morte do marido hoje ou daqui a uns dias...

Eva – Uns dias? Achas que chegam para organizar uma retrospetiva de toda a tua obra?

Adão – Digamos um mês.

Eva – Ótimo. E durante um mês vais fazer o quê? Ficar escondido na casa de banho?

Adão – Não te esqueças de que, de certa maneira, a culpa disto é tua.

Eva pega no telemóvel.

Eva – Olha, encontrei o e-mail que mandei à funerária...

Adão – E então?

Eva – Está bem, enganei-me na idade. Mas especifiquei que era o teu avô...

Adão olha para o ecrã do telemóvel.

Adão – Ah, sim... «Adão, o seu avô, aos 32 anos».

Eva – Convenhamos que devia dar-lhes uma pista. Avô aos trinta e dois anos!

Adão – Em vez disso, apagaram «o seu avô» e deixaram «aos 32 anos»! Cambada de idiotas!

Eva lança-lhe um olhar desconfiado.

Eva – Tira-me uma dúvida... Não fizeste isto de propósito, pois não?

Adão – Mas estás doida ou quê?

Tocam à campainha.

Eva – Não esperávamos ninguém pela morte do teu avô, mas parece que a notícia da tua morte comove muito mais gente...

Adão – É um bom presságio para a minha exposição póstuma! Vou para a casa de banho.

Eva – E se alguém quiser lavar as mãos?

Adão – Tens razão... Vou esconder-me no armário.

Adão abre um armário e esconde-se lá dentro.

Eva – Esperemos que ninguém queira pendurar aqui o casaco... *(Vai abrir a porta e continua a falar fora de cena.)* Ah, senhor Pereira...

João – Trate-me por João, por favor. Posso entrar um instante?

Eva – Claro! Afinal de contas, a casa é sua...

Eva regressa com João, que traz um ramo de flores.

João – Não a quero incomodar. Era só para lhe dizer que...

Eva – Sim, eu sei... Peço desculpa pelo pequeno atraso no pagamento...

João – Não falemos nisso. Há coisas mais importantes na vida, não acha?

Eva – Ah... Sim, claro...

João entrega-lhe o ramo.

João – Tome, é para si.

Eva sorri, pensando que o ramo se destina a ela.

Eva – Muito obrigada, é muito gentil da sua parte... Há tanto tempo que um homem não me oferecia flores...

João – Bem, quando digo «para si», na verdade é mais para...

Eva – Claro, onde é que eu tinha a cabeça? Mas não era preciso. Vou pô-las aqui por enquanto...

Põe o ramo na urna.

João – Quanto às rendas, não se preocupe. Já tem preocupações que cheguem, não é?

Eva – Ah... Sim, claro...

João – Paga-me quando puder, com tudo o que lhe aconteceu...

Eva – A minha situação...

João – Também perdi a pessoa com quem vivia, há uns anos. Acredite, sei o que isso é...

Eva – Lamento muito. Como foi?

João – Raramente falo disto, mas a senhora compreenderá... Viajava num avião que caiu num lago. Nunca encontraram os destroços...

Eva – Meu Deus, que horror! Deve ser difícil fazer o luto, sobretudo quando nem sequer encontram as caixas-negras... E o lago nem era assim tão grande.

João – Dizem que o avião caiu do outro lado da fronteira.

Eva – Sabe como são estas coisas. Quando há gente importante envolvida, tudo acaba abafado... E como se chamava a sua mulher?

João – Roberto.

Eva – Ah, já percebi...

João – Mas, já agora, o que aconteceu ao seu marido? Vi-o nas escadas ainda na semana passada, parecia estar de ótima saúde...

Eva – Pois... Foi uma surpresa para todos...

João – Compreendo que não lhe apeteça falar disso. Mas quero que saiba que tinha muita consideração pelo seu marido.

Eva – Quer beber qualquer coisa para se recompor?

João – Infelizmente, estou certo de que agora, depois da morte, o talento dele será finalmente reconhecido.

Eva – Foi precisamente o que o galerista me disse há pouco.

João – O galerista?

Eva – Acabou de sair. Quer organizar uma grande exposição para...

João – Ótima ideia! Agora os quadros do seu marido vão vender-se como pãezinhos quentes. E a cotação dele vai disparar.

Eva – Pois, certamente... O meu marido também gostava muito de si. Mas há uma coisa que me ocorreu, e nem sei se hei de falar-lhe nisso...

João – Somos amigos, não somos?

Eva – Quanto é que lhe devemos, exatamente?

João – Por favor, já lhe disse que não se preocupe... Seis mil duzentos e sessenta e três euros.

Eva – E se, em vez desse dinheiro, lhe desse um quadro do meu falecido marido?

João – Bem... Porque não? Afinal... Agora que está viúva... Se calhar nunca mais via o dinheiro...

Eva – Não se vai arrepender, acredite. Qual prefere?

João olha para os quadros e escolhe um ao acaso.

João – E este?

Eva – Estou a ver que tem muito bom gosto...

João – Para mim, este quadro terá um valor sentimental.

Eva – E estou certa de que também não será um mau investimento.

João – Espero bem que não... Seis mil duzentos e sessenta e três euros é muito dinheiro... Enfim, vou andando. Se precisar de alguma coisa, sabe onde me encontrar.

Eva – Estou-lhe muito agradecida... Obrigada, a sério. Eu acompanho-o...

Eva acompanha João à porta. Ele leva o quadro. Eva regressa e Adão sai do esconderijo.

Adão – Seis mil euros! O meu primeiro cliente! Isto é incrível!

Eva – Tens razão, é ótimo ser viúva do Van Gogh. Nunca ele foi tão simpático comigo. Se lhe tivesse pedido mais dinheiro, até me tinha emprestado sem juros.

Adão – Se calhar devias ter pedido. Afinal, não vou ficar morto para sempre.

Eva – Pois não...

Tocam à campainha.

Adão – O negócio está a correr bem... Vou voltar para a sepultura...

Adão volta a esconder-se no armário. Eva sai.

Eva – Ah, António!

Eva regressa com António, que traz uma coroa de flores onde se lê «Ao meu melhor amigo».

António – Minha querida, vim assim que recebi a participação. Mas devias ter-me telefonado!

Eva – Não queria incomodar-te...

António – Sempre estive ao teu lado, sabes. E agora, mais do que nunca...

Eva – Tudo isto ainda é tão...

António – Eu compreendo. Gostava muito do Adão. Sem querer gabar-me, acho que era o melhor amigo dele. Aliás, trouxe isto...

António entrega a coroa a Eva, que a recebe, um pouco constrangida.

Eva – Obrigada, é muito gentil. Queres beber qualquer coisa? Temos vinho novo.

António – Sim, porque não? *(Eva serve-lhe um copo. Ele bebe e faz uma careta.)* A morte dele também me abalou muito. Juro, tenho o estômago às voltas...

Eva – Se calhar é do vinho...

António – Mas tens de superar esta provação. *(Abraça-a com força.)* A vida continua, Eva!

Eva – Claro... *(Adão, furioso, espreita do esconderijo, mas Eva faz-lhe sinal para não aparecer.)* Espera, não consigo respirar...

António afrouxa o abraço.

António – Desculpa... *(Olha em volta.)* Estes são os últimos quadros dele?

Eva – Sim...

António – Que talento! Acho que teria surpreendido toda a gente se tivesse vivido mais tempo.

Eva – Ainda te pode surpreender, acredita...

António – Mas enfim... A vida continua.

Eva – Talvez ainda seja um pouco cedo para isso, não achas?

António – Eu espero, Eva. O tempo que for preciso...

Eva – Desculpa?

António – Sabes bem do que estou a falar, mas não quero pressionar-te. Entre nós, não devia dizer isto, porque ele era meu amigo, mas acho que o Adão não te merecia.

Eva – Nem sei como hei de interpretar isso...

António – Como um elogio, garanto-te. Se eu te contasse tudo o que sei do Adão...

Eva – Ah, sim?

António – Prefiro que guardes uma boa imagem do teu marido, enquanto as cinzas dele ainda estão quentes... Se precisares de falar com alguém à noite, ou até a meio da noite...

Eva – Claro, tenho o teu número, António... Agora tenho de...

António – Queres ficar um pouco sozinha, compreendo...

Eva – Obrigada...

António – Sabes, Eva, quando te vejo assim tão...

Eva – Tão?

António – Tão...

Hesita por um instante e tenta beijá-la. Surpreendida, Eva deixa-se levar um pouco, mas depois afasta-se delicadamente.

Eva – Mas, António...

António – Desculpa, não sei o que me passou pela cabeça...

Eva – Não achas que estás a ir um bocadinho depressa?

António – Tens razão. Volto daqui a uma hora ou duas, pode ser?

Eva – Está bem.

António – Não te preocupes, conheço a saída...

António sai. Eva, ainda perturbada, compõe-se. Adão sai do esconderijo, furioso.

Adão – Este não perde tempo! E pensar que era o meu melhor amigo...

Eva – Que queres? Ele pensa que sou viúva.

Adão – E tu também não o afastaste propriamente com muita firmeza...

Eva – Confesso que não é desagradável sentir que voltei a estar no mercado...

Adão – Não me digas que até preferias que eu estivesse mesmo morto!

Eva – Claro que não! É só que... *(Tocam à campainha.)* É melhor não ficares aqui...

Adão – Tens razão... Se calhar é mais um dos teus novos pretendentes...

Adão regressa ao esconderijo. Eva vai abrir a porta.

Eva *(fora de cena)* – Ah, Glória! Ainda bem que vieste... *(Regressa com Glória.)* Nem imaginas o que nos está a acontecer.

Glória – Eu sei, Eva. A tua mãe contou-me. Mas podias ter-me mandado uma participação...

Eva – Sim, mas é que...

Glória – Não faz mal, não te preocupes. Compreendo que tenhas a cabeça noutro sítio. Aliás, cruzei-me com o António nas escadas e ele contou-me...

Eva – Não, não é nada disso que estás a pensar...

Glória – Estás a falar de ti e do António? Mas eu não estou a pensar nada...

Eva – Não, não era disso que estava a falar... Deixa-me explicar-te tudo...

Glória – Espera, deixa-me falar primeiro. Compreendo a tua dor, mas sempre achei que o Adão não era o homem certo para ti...

Eva – A sério? Tu também? E porquê?

Glória – Nem sei se te devia contar isto agora, mas talvez te ajude a ultrapassar a situação...

Eva – O quê?

Glória – O Adão era um mulherengo, Eva. Enganava-te com tudo o que mexia.

Eva – O Adão? Tens a certeza?

Glória – Absoluta.

Eva – Tiveste alguma coisa com ele?

Glória – Nunca te faria uma coisa dessas. És a minha melhor amiga. Mas, se eu quisesse...

Eva – Então fez-te propostas?

Glória – Fazia-as a todas as mulheres! E quando digo mulheres...

Eva – Desculpa?

Glória – O António não te contou?

Eva – Não me digas que também se deitou com o António!

Glória – Não... Mas o António contou-me que, numa noite com os amigos, o Adão se embebedou tanto que acabou por passar a noite com uma pessoa travestida. Só percebeu na manhã seguinte.

Eva – A sério?

Glória – Olha, isso agora não importa. E que queres? Os homens são assim... Bem, nem todos, felizmente.

Eva – Estou arrasada...

Glória – É natural que estejas. Mas, como diz a tua mãe, «morto o cão, acabou a raiva». Se te apetecer consolar-te com o António, no teu lugar não pensava duas vezes.

Eva lança um olhar fulminante ao armário.

Eva – Vou pensar nisso. Obrigada pelo conselho...

Glória – Ora essa! Para que servem as melhores amigas? Bem, tenho de ir, mas volto daqui a pouco, está bem?

Eva – Claro... Onde quer que o Adão esteja, daqui não se escapa assim tão facilmente... *(Glória sai. Adão reaparece, com ar culpado.)* Eu mato-te! Assim nem sequer preciso de mandar outra participação de falecimento!

Adão – Juro que está a mentir! Estão todos a mentir!

Eva – Porque é que haviam de manchar a memória de um morto se não fosse verdade?

Adão – Por maldade! E porque acham que o morto não está cá para se defender!

Eva – Pois, claro! A tua avó tem razão, és um degenerado! Então também te deitaste com pessoas travestidas?

Adão – Hoje em dia diz-se «pessoa transgénero». Disse-me que se chamava Carlota. Na manhã seguinte, como fiquei com dúvidas, espreitei-lhe a mala... E na carta de condução de pesados estava escrito Carlos.

Eva – Então admites!

Adão – Estou a dizer-te que não sabia que era um homem!

Eva – Não me interessa se era um homem, uma mulher ou o que fosse! O importante é que me traíste!

Adão – E tu não tens moral para falar, depois de te deixares apalpar pelo meu melhor amigo quando as minhas cinzas ainda estão quentes!

Estão prestes a discutir violentamente quando entra um padre de batina.

Padre – A porta estava aberta. Bati, mas como ninguém respondeu, tomei a liberdade de entrar...

Eva – Quem é este agora? Um exorcista? *(Apontando para Adão.)* Veio expulsar o demónio que possui este tarado?

Padre – Sou o padre Francisco. Foi a sua avó que... *(Benze-se.)* Mas eu julgava que estava morto! Vinha rezar pela salvação da sua alma...

Adão – É que... *(A Eva.)* Diz qualquer coisa, por favor!

Eva – Sim... O meu marido morreu mesmo... Mas este senhor é... o irmão gémeo dele. Armando...

Padre – Não sabia que o Adão tinha um irmão gémeo.

Eva – É uma novidade. Quer dizer... Eu própria nem sabia que tinha um cunhado. Acabou de chegar de outra cidade. Foi uma surpresa...

Padre – De facto, a semelhança é extraordinária. Mas a última vez que vi o seu irmão foi no batizado. Muito prazer.

Apertam as mãos.

Adão – Por favor, padre, trate-me por Alberto.

Padre – Pensei que se chamava Armando.

Adão – Armando, claro... Desculpe, estou tão abalado... Assim que soube do meu irmão, vim a correr. E pensar que nunca poderei conhecê-lo senão... *(Olha para a urna.)* sob a forma de um monte de cinzas.

Padre – Então mandaram cremá-lo...

Eva – Sim, eu sei, não é muito católico, mas não tínhamos pensado nisso. E os idiotas da funerária também não nos avisaram...

Padre – Então tinha um irmão gémeo e não sabia?

Adão – Tinha acabado de descobrir! Encontro um irmão e o destino arranca-mo logo a seguir! É uma verdadeira tragédia grega! Por que pecado querem os deuses castigar-me assim? Sabe dizer-me, padre?

Padre – Desculpe, meu filho, mas, no que toca a Deus, só conheço um...

Eva – Pois claro... Armando, sabes que o padre Francisco é monoteísta.

Padre – Mas como é possível que não soubesse que tinha um irmão gémeo?

Adão – Uma história muito complicada de esperma congelado, tráfico de embriões e fertilização in vitro. Seria longo de explicar. Mas a verdade acaba sempre por vir ao de cima, não é, padre? Como se diz em latim: «In vitro veritas»...

Padre – Pois...

Adão olha para os quadros.

Adão – De qualquer forma, era um artista extraordinário...

O padre observa os quadros.

Padre – Não percebo muito de pintura, mas...

Adão – Claro, o estilo dele não era muito convencional. Mas, no fundo, tenho a certeza de que respeitava profundamente a religião. Tal como eu.

Padre – Deus reconhecerá os seus.

Adão – Até há qualquer coisa de místico na pintura dele, não acha?

O padre não parece convencido.

Padre – Bem, mas... *(Repara na urna.)* Então, estas são as cinzas de...

Eva – São, sim.

O padre benze as cinzas.

Padre – Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo...

Adão – Ámen.

Padre – No domingo, mandarei celebrar uma missa na minha paróquia pelo descanso da alma dele.

Adão – Ah, uma missa. Boa ideia. Que achas, Eva?

Eva – Sim, se é isso que queres... Quero dizer, uma missa. Com tudo aquilo de que o meu marido tinha de se arrepender, mal não lhe fará. Pois não, Armando?

Adão – Então conhecia a minha avó? É curioso, ela nunca me falou de si...

Padre – Para lhe dizer a verdade, ela também nunca me disse que tinha um segundo neto. Se bem percebi, conhecia a sua avó, mas não o seu irmão gémeo. Confesso que estou um pouco confuso...

Adão – Eu também...

Eva decide intervir para mudar de assunto.

Eva – E o senhor, padre, como conheceu a Yolanda? Quer dizer, a avó do meu marido.

Padre – Fui confessor dela quando era adolescente. Dei-lhe a primeira comunhão e fui eu que a casei.

Adão – Então também conheceu o meu avô.

Eva – Claro, se foi ele que os casou...

Adão – Pois...

Padre – Bem, é melhor deixá-los. Tenho alguns paroquianos para visitar...

Adão – Vá lá, padre, fique a beber um copo de vinho connosco.

Padre – Não imaginava que se organizassem bacanais numa ocasião destas...

Eva – Acredite, o vinho novo não tem época: eu bebo-o o ano inteiro! *(Bebe o copo de um trago e parece bastante embriagada.)* Ah, que bem sabe!

O padre observa-os, preocupado, como se fossem dois demónios.

Adão – Vá lá, deixe-se tentar, padre! Essas visitas podem esperar um pouco, não podem?

Padre – Receio que não, meu filho. Trata-se da extrema-unção.

Eva – Ah... Nesse caso, padre, dou-lhe a minha absolvição.

Adão – Vá em paz do Senhor.

O padre recua, prudentemente.

Padre – Volto daqui a pouco, para cumprimentar a Yolanda.

Adão – Ah, sim, a Yolanda... A avozinha... Há de ficar surpreendida por nos ver aos três juntos.

Padre – Não se incomodem, eu fecho a porta à saída...

O padre sai.

Adão – Um santo homem...

Eva – Também gostava que celebrassem uma missa por mim enquanto ainda estou viva.

Adão – Deve ser muito comovente assistir ao próprio funeral...

Eva – Ver aquela gente toda a chorar pelas tuas cinzas... Pessoas que te detestavam quando estavas vivo...

Adão – Talvez consiga assistir à missa incógnito, de óculos escuros, escondido atrás de uma coluna da igreja.

Eva – Com música, ainda era mais emocionante, não achas? Que tal Mozart?

Adão – Adorava ouvir uma última vez o Réquiem. Sabes o que Mozart disse sobre esta obra?

Eva – Não...

Adão – «Receio estar a compor este réquiem para mim próprio.» Uns meses depois, estava morto. Ao menos eu vou poder ouvi-lo em vida...

Ficam em silêncio por instantes.

Eva – Já pensaste que estamos a organizar o teu próprio funeral?

Adão – Sim, e começo a ficar um bocadinho nervoso...

Os dois esforçam-se por recuperar a compostura.

Eva – Pronto, basta! Temos de acabar já com esta farsa, antes que enlouqueçamos de vez.

Adão – Acho que já estamos um bocado bêbedos. Mas tens razão. Vou telefonar a todos, um por um.

Eva – Sabes que vamos ter de devolver o cheque ao teu galerista, abdicar do dinheiro que a minha mãe queria dar-me e arranjar outra maneira de pagar as rendas?

Adão – Que remédio... Tudo o que é bom acaba. Até a morte.

Eva – Nunca pensei ouvir-te dizer uma coisa dessas.

Adão sai. Tocam à campainha. Eva vai abrir a porta. Entram António, Glória e Carlota. Esta última traz um ramo de flores. Carlota pode ser interpretada por uma

mulher ou por um homem vestido de mulher; em qualquer dos casos, o seu género deve permanecer ambíguo.

António – Olá, Eva... Somos nós outra vez...

Glória – Não íamos deixar-te sozinha num dia destes!

António – Eva, apresento-te a Carlota.

Eva – Carlota?

António – Era... uma amiga do Adão. Queria muito prestar-lhe uma última homenagem.

Carlota – Bom dia, minha senhora. Foi o António que me deu a notícia e... *(Entrega-lhe o ramo.)* Tome. Eram as flores preferidas dele...

Eva – A sério?

Carlota – Conheci-o na escola de Belas-Artes. Era uma pessoa muito delicada. Levava sempre um ramo de flores para as sessões de desenho com modelo vivo.

Eva – Olha! Não sabia que o meu marido também pintava flores...

Carlota – Na verdade, pintava nus...

Eva – Ah, assim já percebo melhor.

Carlota – Eu posava para ele quando era estudante, para ganhar algum dinheiro de bolso. Foi assim que conheci o seu marido. Tinha imenso talento.

Eva – Posava nua para ele e ele não reparou em nada? Diz-se que o amor é cego, mas um pintor devia ter bons olhos...

Carlota – Bem... Sim...

Eva – A menos que estejamos perante mais uma confusão de nomes... Desculpe a pergunta, Carlota, mas... Tem carta de condução de pesados?

Os outros ficam desconcertados. Felizmente, a chegada de Vitória desvia as atenções.

Vitória – Bom dia a todos. Para quem não me conhece, sou a sogra do nosso querido falecido...

Carlota estende a mão a Vitória.

Carlota – Muito prazer, minha senhora. Carlota...

Carlota aperta a mão de Vitória, que faz uma careta.

Vitória – Que aperto de mão!

Carlota – Os meus mais sentidos pêsames...

Eva – O Carlos posava nu para o Adão.

Vitória percorre Carlota de alto a baixo com o olhar.

Vitória *(com um sorriso cúmplice)* – Ah, estou a ver... Que coisas!

Glória – É uma grande perda para todos nós.

António – Era o meu melhor amigo.

Vitória *(entregando um cheque a Eva)* – Toma, passei-te um cheque... Talvez ajude a aliviar a tua dor de viúva...

Eva – Obrigada, mas...

Vitória – Seja como for, deve chegar para pagar a cremação.

António – Vá, vamos beber um copo. Tenho a certeza de que o Adão não queria ver-nos tristes no funeral dele.

António serve-se de vinho sem oferecer aos outros. Os restantes acabam por se servir também.

Glória – É verdade. Gostava tanto da vida, não gostava?

Eva – Sim, claro, mas...

Carlota – Onde quer que esteja, tenho a certeza de que está a olhar para nós e não gostaria de nos ver a chorar.

Adão espreita do armário, mas, ao ver Carlota, esconde-se novamente. António levanta o copo.

António – À vida que continua! Sem ele...

Brindam.

Glória – Sei que te custa falar disto, mas... Como é que ele morreu?

Eva – Não sei muito bem como vos hei de dizer isto, mas...

Glória – Trinta e dois anos... Era tão novo para morrer...

Carlota – Tinha trinta e dois anos?

Vitória – Já andava um pouco deprimido, não andava?

Glória – Estás a querer dizer que...? Não me digas que se suicidou...

Eva – É um pouco mais complicado...

António – Não devia dizer isto, mas, no fundo, não me surpreende...

Eva – Ah, sim? E porquê?

António – Não se pode dizer que tenha tido uma vida muito bem-sucedida...

Eva – Ah, estou a perceber...

Glória – Não leves a mal... Estamos só a dizer que era um artista atormentado.

Vitória – Sobretudo atormentado, porque artista...

Carlota – O Van Gogh também se suicidou, Eva. E era um grande artista.

Glória – Infelizmente, não basta suicidar-se para ser um génio da pintura.

António – Lá isso é verdade...

Glória – Pois é...

Eva fica indignada.

Eva – Então é assim que veem o meu marido? Um falhado? Ao ponto de a vida dele não valer a pena ser vivida?

Glória – De maneira nenhuma!

António – Não foi isso que dissemos.

Vitória – Convenhamos que o suicídio foi a única coisa que conseguiu fazer na vida.

Eva respira fundo antes de continuar.

Eva – Muito bem... Mas vou desiludir-vos a todos. Tenho uma coisa para vos contar.

Glória – Sim? O que se passa?

Eva – O Adão não morreu. Está escondido naquele armário. Vai sair já, mas quis avisar-vos para não apanharem um susto demasiado grande.

Eva espera uma reação, que não vem.

Glória – Claro, o Adão está entre nós, nos nossos corações. E há de estar sempre, não é?

António – Evidentemente.

Eva – Não, estou a falar a sério! Ele está mesmo ali, dentro do armário. Vivo.

Os outros trocam olhares constrangidos.

Vitória – Vá lá, Eva! O Adão não está naquele armário. Está morto, dentro daquela urna chinesa.

Todos olham para a urna. Adão aproveita para sair do armário e fugir para outro compartimento.

António – Acho melhor não a contrariarmos.

Vitória – Completamente de acordo...

Glória oferece um copo a Eva.

Glória – Toma, bebe alguma coisa, vai fazer-te bem. *(Mais baixo.)* Se calhar não devia ter-lhe contado que o marido a enganava com camionistas transgénero...

Carlota – É só uma fase difícil, Eva. Depois de um choque destes, é compreensível...

Glória – Vais precisar de tempo para ultrapassar isto, mas acabarás por esquecê-lo.

Eva – Está bem, vocês é que quiseram... *(Abre o armário sem olhar para dentro.)* Então...

Os outros olham para o armário vazio. Eva volta-se e também não encontra lá o marido.

Eva – Vá, Adão, deixa-te de brincadeiras e sai daí!

Eva examina o armário, completamente desconcertada.

Eva – Não percebo... Adão! Onde raio estás?

Todos ficam numa situação embaraçosa.

Glória – Eva, o teu marido morreu...

Tocam à campainha.

Vitória – Vou eu abrir...

Vitória sai.

Padre – Bom dia, minha filha. A Yolanda ainda não chegou?

Vitória regressa com o padre.

Vitória – Ah, senhor padre, talvez nos possa ajudar. Acho que a minha filha ainda não consegue aceitar que ficou viúva...

Eva – Padre, o senhor viu-o, não viu? O gémeo do Adão?

Vitória *(em voz baixa, ao padre)* – Pergunto-me se o defunto marido dela não lhe terá lançado um feitiço... Não pode fazer alguma coisa, padre? Sabe, com um crucifixo e água benta, como nos filmes de terror...

O padre fica um pouco perdido no meio daquela situação.

Eva – O Alberto, o gémeo! Quer dizer, não é o gémeo. É ele, é o Adão!

Padre – O gémeo... Ah, sim, claro... Alberto...

Eva – Sim, Alberto, se prefere. Mas o Alberto não existe!

Todos olham para Eva com tristeza.

Eva – Mas estou a dizer-vos que quem morreu foi o avô dele!

António – O avô do Armando?

Carlota – Mas afinal quem é o Alberto?

Eva – Ouçam-me, isto é ridículo! Ele não pode estar longe! Adão! Adão!

Ninguém aparece. Eva sai.

Carlota – Coitadinha...

Glória – Pobrezinha...

António – Acho que devíamos deixá-la descansar um pouco.

Glória – Confiamos em si, padre.

Padre – Farei o que puder, mas aviso-vos de que não faço milagres...

António, Glória e Carlota saem.

Vitória – Eva!

Vitória sai. O telemóvel do padre toca com música religiosa (órgão ou canto gregoriano).

Padre – Estou? Ah, Yolanda! Sim, sim, estou aqui. Perdeste-te? Mas onde estás? Está bem, não saias daí. Vou buscar-te.

O padre sai. Adão aparece. Eva regressa também.

Eva – Porque é que não vieste quando te chamei?

Adão – Não queria assustá-los, saindo de repente de dentro de um armário...

Eva – E preferes fazer-me passar por maluca?

Adão – Podia dar-lhes um ataque cardíaco! Até Jesus Cristo esperou três dias antes de sair do túmulo. E teve o cuidado de fazer espalhar a notícia da ressurreição, para não traumatizar ninguém...

Eva – Pois, claro... E isso não terá nada a ver com aquela Carlota... ou melhor, com aquele Carlos?

Adão – Acredita, é melhor fazer as coisas com calma...

Eva – Fica aqui. A minha mãe já volta, e podes experimentar com ela essa delicadeza toda. Vou buscá-la.

Eva sai.

Adão – Talvez esta seja uma oportunidade para me livrar da minha sogra. Acho que tem o coração fraco.

Adão deita-se no chão e cobre-se com um pano (pode ser a toalha da mesa). Manuel regressa.

Manuel – Está alguém? *(Vê Adão.)* O senhor Delaroca? Então afinal morreu mesmo...

Vitória regressa e vê Adão.

Vitória *(surpreendida)* – O que está ele a fazer aqui? Pensei que a mulher tinha optado pela cremação.

Manuel – Pelos vistos, mudou de ideias...

Vitória – Como é que se muda de ideias depois de uma cremação?

Manuel – A boa notícia é que podemos aproveitar a participação tal como está... Bem, volto mais tarde. Os meus respeitos, minha senhora. E os meus sentimentos, claro...

Manuel retira-se.

Vitória – Eva!

Eva regressa. Adão continua deitado no chão.

Eva – Estás a ver? Está vivo!

Vitória – Vê tu mesma...

Eva – Não pode ser!

Vitória – Afinal não o mandaste cremar? Então quem é que está na urna?

Eva – Oh, não, Adão!

Adão ergue-se como o conde Drácula.

Adão – Uuuuh!

Vitória – Meu Deus!

Vitória desmaia e, ao cair, derruba a urna, que se parte no chão.

Eva – Mãe! *(Em pânico.)* Estará morta?

Adão – Receio bem que não...

Eva – És um monstro!

Adão – Foi ela que se pôs a jeito, não achas?

Eva – Ao menos apanha o teu avô. Eu trato da minha mãe...

Adão – Para apanhar o avô, se calhar é melhor ir buscar o aspirador...

Vitória recupera os sentidos e vê Adão.

Vitória – Então é verdade que não estás morto?

Adão – Lamento desiludi-la, querida sogra.

Eva – Não te preocupes, foi só um erro da funerária. *(Para Adão.)* Vai buscar um pano húmido! Não vês que ela não está bem?

Vitória – Oh, meu Deus!

Vitória desmaia outra vez. Adão sai. Yolanda regressa com o padre.

Yolanda – Queria ir cumprimentar o meu marido ao lar, mas a rececionista disse-me que tinha saído há uns dias. E não sabia para onde...

Eva – Não lhe disseram nada?

Yolanda – Não... Pareciam um pouco embaraçados. Pergunto-me se não terá arranjado uma amante...

Padre – Com a idade dele...

Yolanda – Não conhece os homens! Quero dizer... De qualquer maneira, obrigada por ter vindo apoiar-nos nesta provação, padre. É um grande consolo.

Eva – Pois... Não é?

Yolanda – Infelizmente, o pobre Adão deixou-nos para sempre...

Eva – Para sempre... Nunca se sabe...

Padre – Desculpe?

Eva – Há sempre a possibilidade de um milagre. Afinal, Jesus Cristo ressuscitou ao terceiro dia.

Padre – Sim, mas não tinha sido cremado.

Yolanda – Pobrezinha... Acho que ainda não conseguiu aceitar a situação.

Ouve-se um ruído próximo. Vitória recupera os sentidos.

Eva – Querem um copo de vinho para se recomporem? Acho que vão precisar...

Padre – Obrigado, mas eu só bebo vinho de missa.

Vitória – Eu quero.

Eva serve um copo à mãe.

Eva – Sirva-se de amendoins, padre.

O padre pega numa mão-cheia de amendoins e começa a comê-los.

Padre – Minha querida Yolanda! E pensar que eu te sentava nos meus joelhos! Não mudaste nada...

Yolanda – Que galante...

Padre – Mas diz-me uma coisa: nunca me contaste que tinhas dois netos.

Yolanda – Dois netos?

Padre – Sim, os gémeos...

Yolanda – Gémeos? *(À parte, para Eva.)* Acho que este pobre padre também começa a perder a cabeça... Importas-te que vá à casa de banho compor-me?

Eva – Claro que não...

Yolanda sai. Chega o senhorio.

João – Ouvi cair uma coisa pesada e fiquei preocupado... Está tudo bem, Eva?

Eva – Uma coisa pesada... Ah... Sim, não se preocupe. Foi só a minha mãe...

Vitória – Muito obrigada pela delicadeza...

Adão regressa com um pano em cada mão, como se fosse um fantasma.

Adão – Uuuuuh!

Fica imóvel ao ver João. O padre benze-se.

Padre – Jesus, Maria, José...

João – Senhor Delaroca? Então não está morto?

Adão – Bem, não... Quer dizer... Não completamente...

Padre – Eu sabia que o Adão não tinha um irmão gémeo...

João – Mas o que significa isto?

Adão – Foi tudo um pequeno mal-entendido... Embora vos garanta que, neste momento, não me sinto lá muito bem...

João – Isto é monstruoso! Fez-nos acreditar que estava morto só para adiar o pagamento da renda?

Eva – Não é nada disso que está a pensar, garanto-lhe...

João – Basta! E aquele quadro que me impingiram, podem ficar com ele! Amanhã avanço com o despejo.

João sai.

Vitória – Então, afinal, quem é que morreu?

Eva – Ninguém.

Adão – Bem, alguém morreu, mas...

Eva – Não é propriamente da família...

Adão – Bem, é... Mas enfim...

Eva – Nunca mais vamos sair disto.

Chega Gabriel.

Gabriel – Então, Eva, já pensaste na minha proposta? Preparei um projeto de convite para a inauguração e...

Vê Adão.

Gabriel – Adão! Então não estás morto?

Adão – Sim... Quer dizer, estava, mas...

Gabriel – Não me digas que organizaste esta farsa da cremação só para me obrigar a montar a retrospetiva da tua obra!

Adão – É um pouco mais complicado, garanto-te...

Gabriel – És um autêntico psicopata...

Adão – Mas a exposição continua de pé, não continua?

Gabriel – Não quero voltar a ver-te na minha galeria, ouviste?

Adão – Mas disseste que eu era um génio incompreendido...

Gabriel – Porque pensava que estavas morto.

Gabriel sai. António regressa acompanhado de Carlota.

António – A Carlota esqueceu-se da mala e tem lá dentro a carta de condução... *(Vê Adão.)* Adão? Então não estás morto?

Adão – Bem... Não. Desculpa.

António – Desiludiste-me, Adão. Muito! Como foste capaz de nos pregar uma partida macabra destas? Sobretudo a mim, que era o teu melhor amigo!

Adão – Melhor amigo, uma ova! Nem estive morto cinco minutos e já estavas a tentar deitar-te com a minha mulher!

António – Pelo menos eu sei reconhecer uma mulher quando a vejo...

Adão – Seu desgraçado!

Adão atira-se a António. Carlota interpõe-se. O padre benze-se.

Carlota *(perdendo subitamente a calma)* – Larga-o de uma vez!

Carlota agarra António com força e atira-o pelos ares, perante o espanto geral.

Carlota *(recuperando a calma)* – Não suporto a violência...

Eva – Pois, está-se mesmo a ver...

António – Acho melhor ir-me embora. Mas fica a saber que deixei de ser o teu melhor amigo. Aliás, já nem sequer sou teu amigo.

Carlota – E fiquem a saber que uma pessoa pode continuar a ser muito feminina, mesmo tendo carta de condução de pesados!

António e Carlota saem. Adão parece completamente desanimado.

Adão – Tenho a desagradável sensação de que toda a gente me odeia por não estar morto...

Eva – Tudo se há de resolver, vais ver...

Adão – Resolver? Estamos quase a divorciar-nos, zangámo-nos com a pouca família que nos resta, perdemos os amigos todos, fiquei sem galerista e amanhã somos despejados...

Padre – E, se estivesse nas minhas mãos, excomungava-os já! Isto é uma vergonha!

Yolanda regressa da casa de banho, sem reparar logo em Adão.

Yolanda – Mas que caras tão compridas...

Eva *(à parte, para Adão)* – Ainda falta dizer à tua avó que ficou viúva...

Yolanda vê Adão.

Yolanda – Bom dia, senhor... *(Reconhece Adão.)* Meu Deus! Então era verdade, padre? O Adão tem um irmão gémeo?

Adão – Bem... Não, avó... Não exatamente...

Yolanda – Então isso quer dizer que...? Adão? Estás vivo!

Eva – Pois é... Não é uma coisa espantosa?

Padre – Eu diria mais: é um autêntico milagre.

Yolanda – O meu neto ressuscitou depois de ser cremado! Foi o senhor que fez este milagre, padre?

Padre – Infelizmente não, Yolanda. Se tivesse esse poder, já me tinham canonizado há muito tempo... Mas afinal, por quem é que devo celebrar missa no domingo?

Eva – Foi tudo um mal-entendido...

Padre – Entretanto, posso lavar as mãos? Não faço milagres, mas a extrema-unção às vezes também é extremamente suja...

Eva – Claro, padre, a casa de banho é por ali...

Padre – A não ser que a culpa seja dos amendoins...

O padre sai. Yolanda olha para a urna.

Yolanda – Mas então quem está dentro do vaso chinês?

Adão – Alguém que não conheces.

Eva – Bem, mais ou menos...

Manuel regressa e dirige-se a Eva.

Manuel – Ah, senhora Delaroca. Queria saber o que decidiram fazer às cinzas do seu marido... *(Vê Adão.)* Senhor Delaroca? Mas julgava que estava morto!

Adão – Já lhe disse que o falecido é o meu avô!

Yolanda – O teu avô?

Eva – Sim, Yolanda. O seu marido.

Yolanda – Ah, estou a perceber...

Eva – Lamentamos muito. Não sabíamos como lhe contar...

Manuel – Então afinal temos aqui a viúva... Minha senhora, em nome da funerária, apresento-lhe as nossas mais sentidas condolências.

Adão – Bem, agora pode deixar-nos a sós, por favor?

Manuel – Vou sair... E quanto à conta...

Adão lança-lhe um olhar assassino.

Manuel – Vemos isso depois, tem razão...

Manuel sai. Yolanda não parece muito afetada. Estende o copo.

Yolanda – Bem, eu bebia mais um copinho de tinto.

Eva serve-lhe vinho.

Adão – Parece que a notícia de teres ficado viúva não te abalou muito, avó...

Eva – E pensar que fizemos tudo isto para não lhe dar um desgosto!

Yolanda – Um dia todos temos de partir... Além disso, já era muito velho, não era?

Eva – Cento e dois anos.

Yolanda – Escuta, Adão. Agora que ele morreu, posso contar-te uma coisa...

Adão – Que mais?

Yolanda – O teu avô... Não era bem o teu avô.

Adão absorve a revelação.

Adão – Como assim, não era o meu avô?

Yolanda – Digamos que... o teu pai não era filho biológico dele.

Adão – Então o meu avô não era realmente o meu avô...

Yolanda – É precisamente isso que te estou a tentar explicar.

Adão – Bem, por um lado, até me alivia não ter um avô colaboracionista...

Eva – Então, se percebi bem, o pai do Adão nasceu de uma relação extraconjugal.

Yolanda – O teu verdadeiro avô é um homem que conheci... no sentido bíblico, alguns meses antes de me casar pela Igreja.

Eva – Imagino que isso tenha apressado um pouco o casamento...

Adão – Percebo... Então, com o homem da urna chinesa, foi mais um casamento de conveniência do que de amor.

Eva – E isso explica porque, tantos anos depois, nem sequer viviam no mesmo lar.

Adão – Mas então quem é o meu avô?

Yolanda – É... É difícil de dizer...

Adão – Não me digas que era um oficial das SS e que te casaste com o outro para não te raparem a cabeça no fim da guerra...

Yolanda – Não, não digas disparates!

Adão – Ou será que sou neto secreto do próprio chefe do regime? Disseste que ele foi testemunha do teu casamento...

Yolanda – Na verdade, o teu avô ainda está vivo.

Eva – Vês, Adão? Afinal é uma boa notícia! Perdes um avô morto, mas ganhas outro muito vivo.

Adão – Então vou poder conhecê-lo?

Yolanda – Na verdade, já o conheceste.

Adão – Ah, sim?

Yolanda – Mas ele não sabe que tem um neto.

Eva – Isto parece uma telenovela da pior espécie...

Adão – Ah, percebo... Mas posso voltar a vê-lo?

Yolanda – Assim que sair da casa de banho.

Adão fica petrificado.

Eva – Agora percebo melhor porque disseste que o conheceste «no sentido bíblico»...

Yolanda – Na condição em que ele está, é melhor continuar sem saber que tem um neto.

O padre regressa da casa de banho.

Padre – Não sei se é altura de vos dizer isto, mas têm uma pequena fuga de água debaixo da pia batismal da casa de banho...

Adão – Da pia batismal?

Padre – Disse pia batismal? Desculpem, queria dizer o lavatório, evidentemente.

Adão – Uma fuga de água... Sim, é a altura ideal para nos dizer isso, padre...

Eva *(à parte, para Adão)* – Não podes chamar-lhe avô, mas podes sempre chamar-lhe padre...

Padre – Bem, acho que é melhor irmos embora, meus filhos. Já tivemos emoções que cheguem por hoje...

Adão – Pois é. Adeus, padre...

Padre – Vens, Yolanda?

Yolanda – Já vou, padre...

Padre *(a Adão)* – Rezarei por si. Parece estar a precisar...

Yolanda – Foi um prazer voltar a ver-te por ocasião da tua cremação, Adão.

Yolanda e o padre saem.

Adão – Pensava que era neto de um colaboracionista e afinal sou neto de um padre fanático... Não sei se ganhei com a troca.

Ficam abatidos durante uns momentos.

Eva – Pelo menos agora podemos finalmente comer as pizzas. Vou aquecê-las no forno...

O telemóvel de Eva toca.

Adão – Estás a ver? Falaste cedo demais...

Eva olha para o ecrã do telemóvel.

Eva – É uma mensagem da funerária...

Adão – Temo o pior.

Eva – Acredita ou não, é uma boa notícia.

Adão – Uma boa notícia da funerária? Nem imagino o que possa ser.

Eva *(lendo)* – «Erro da funerária a teu favor»...

Adão – Parece uma carta da Sorte do Monopoly.

Eva – Analisaram o processo e reconhecem parte do erro. Estão dispostos a fazer um gesto comercial.

Adão – Ah, sim? E o que propõem? Se ao menos nos ajudasse a pagar as rendas em atraso e evitar o despejo...

Eva – Oferecem-nos o vaso chinês.

Adão – Como disseste há pouco... Se conseguirmos colá-lo, ainda o podemos usar como suporte para guarda-chuvas...

Eva – Só falta decidir o que fazemos com o teu avô colaboracionista.

Adão – Afinal, nem era o meu verdadeiro avô. Era apenas o marido da minha avó.

Eva – E ainda por cima um marido enganado.

Adão – Além de colaboracionista...

Os dois contemplam, perplexos, os cacos da urna chinesa.

Eva – Bem, vou buscar o aspirador...

Adão – Eu vou esvaziar o saco.

Eva – Faz sempre bem deitar cá para fora tudo o que temos entalado...

Escuro. Ouve-se o aspirador.

Fim

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Novembro de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-071-1

Documento para download gratuito